

---

V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS  
Curitiba-PR - Brasil

---

A OCUPAÇÃO COMO PRÁTICA ORGANIZACIONAL DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

**Marcelo de Castro Maia** (UFRGS) - marcelo.castromaia@gmail.com  
*Mestrando (PPGA/UFRGS)*

**Luiza Araújo Damboriarena** (UFRGS) - luiza.damboriarena@hotmail.com  
*Doutoranda (PPGA/UFRGS)*

Nos últimos 2 anos a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) passou por 3 ocupações estudantis em defesa da educação com diferentes pautas. A prática de ocupar tem sido a estratégia adotada pelos estudantes como forma de protesto, de diálogo e de reivindicação de suas demandas. Através das ocupações os estudantes conseguiram abrir um campo efetivo de diálogo com a Reitoria que resultou na conquista de muitas de suas pautas de luta. Os autores entendem as ocupações como uma prática de organização social que foge da lógica da noção de organização racional burocrática, estudada de forma naturalizada nesse campo de estudos como única possível e necessária. Compreende, então, a noção de organização<sup>1</sup> por uma concepção universal, pela organização da produção e da vida cotidiana, com base na obra, A crítica da vida cotidiana, de Henri Lefebvre (2014). É nesse sentido que o estudo se volta para práticas organizacionais que se distanciam e desafiam os pressupostos do capital e buscam novos modos de reproduzir a vida, tal como pode se pensar as ocupações. O intuito, aqui, é reconhecer, valorizar e anunciar esses espaços de organização, nascidos dos movimentos e lutas sociais, nesse caso específico, analisar as ocupações estudantis ocorridas na UFRGS nos últimos dois anos.

Os autores entendem que o movimento de ocupações realizou, em certa medida, uma crítica à vida cotidiana organizada pelo capital, visto que rompeu com a “normalidade” do cotidiano, ao paralisar, em grande medida, a rotina burocrática da referida instituição de ensino, trazendo formas alternativas de vivência e aprendizado dentro de seus espaços.

Em de setembro de 2016, a reitoria foi ocupada pelo movimento negro contra as mudanças nas políticas de cotas, mais especificamente contra o parecer 239/2016 – proposta pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) – que eliminava a possibilidade de os candidatos cotistas concorrerem concomitantemente nas modalidades universal e reserva de vagas, restringindo o acesso desses estudantes à instituição. Depois de uma semana de ocupação, os estudantes desocuparam o prédio com vitória. A reitoria decidiu voltar atrás, colocando em pauta para votação uma medida que foi previamente negociada entre representantes da reitoria e dos estudantes.

Já em 2018, no dia 07 de março, o movimento negro ocupou novamente a reitoria. Nessa ocasião os estudantes reivindicavam a reconsideração da portaria promulgada em fevereiro deste mesmo ano, onde a “Universidade definiu que poderão ter acesso às vagas destinadas para

---

<sup>1</sup> Uma definição de organização que caminha nessa direção é a construída pelo Organização e Práxis Libertadora, segundo o qual: “a organização é um meio para realizar a ação libertadora através de processos e práticas territorializadas e orientadas pela razão estratégico-crítica” inspirada na Filosofia da Libertação de Henrique Dussel (MISOCZKY, 2010, p. 50).

negros (pretos e pardos) alunos que comprovarem por meio de documentação ascendência negra até a geração dos avós” (GOMES, 2018). A decisão da Universidade foi tomada à revelia nos grupos de trabalho que se estabeleceram na instituição, fechando o espaço para o diálogo. O movimento, contrário à decisão, defendeu que apenas estudantes que apresentem características fenotípicas do negro deveriam ter acesso a essas vagas, afirmando que a decisão tomada pela reitoria significava um retrocesso na construção das políticas de ação afirmativa da universidade.

Em 2016, em um movimento iniciado pelos estudantes do ensino médio de escolas públicas do Paraná, secundaristas e universitários de todo o Brasil ocuparam instituições de ensino em protesto contra políticas do Governo Federal, principalmente a PEC 241 (PEC 55 no Senado), que propunha a fixação de limites para expansão da despesa primária, ou seja, congelar gastos em educação, saúde e outras áreas do serviço público por até vinte anos. Outras políticas visadas nos protestos foram o projeto de lei ‘Escola sem partido’ (PL N.º 867, DE 2015) e a medida provisória do novo ensino médio (MP 746/2016). Na UFRGS, a primeira ocupação se deu no dia 26 de outubro, quando estudantes do curso de Letras ocuparam o prédio do Instituto no Campus do Vale, motivando diversos cursos que foram, na sequência, aderindo ao movimento.

Essas manifestações ocorreram, de maneira geral, como forma de resistência a essas políticas de impacto direto na educação pública. Cientes de que esse novo governo não estava aberto ao diálogo, justamente por propor tais medidas sem uma ampla discussão com a comunidade, e influenciados pelo movimento secundarista de ocupação ocorrido em São Paulo em 2015, estudantes em várias partes do país mobilizaram-se para ocupar os espaços de ensino como meio de luta.

No país, o movimento de ocupações estudantis começou nas escolas de São Paulo, em 2015, na tentativa de barrar a proposta de reestruturação das escolas estaduais, chamada de “Reorganização Escolar”, proposta pelo governador daquele estado, Geraldo Alckimin. O projeto consistia, basicamente, em fazer com que as escolas funcionassem com apenas um ciclo: Fundamental I (1º ao 5º ano), Fundamental II (6º ao 8º ano) e Ensino Médio (antigo segundo grau). Além disso, só se poderia estudar em um colégio até 2 quilômetros de distância de sua casa, fazendo com que o direito de ‘passe livre’ nos transportes públicos fosse extinguido. Isso, na prática, significava o fechamento de diversas escolas e agrupamento dos alunos em turmas maiores. Essa mudança também forçaria diversos jovens a mudar seus locais de estudo, desconsiderando seus vínculos com a escola (UBES, 2015).

Logo depois do anúncio da reestruturação do ensino, ocorreram manifestações organizadas, principalmente, pelos professores nas ruas próximas às escolas estaduais, que foram somadas, posteriormente, pelos estudantes, sem resposta efetiva do governo frente a esses grandes atos, além da repreensão policial. Corti, Corrochano e Silva (2016), afirmam que os estudantes paulistas viram nas estratégias utilizadas pelo movimento estudantil chileno – ocupações de escolas pelos secundaristas do país, conhecida por “Revolta dos Pinguins”<sup>2</sup> – uma nova possibilidade para a continuidade da luta do movimento.

A Revolta dos Pinguins foi um movimento de estudantes secundaristas chilenos que em 2006 surpreendeu o governo da recém-eleita presidenta Michelle Bachellet. Os estudantes tinham como pauta inicial o passe livre escolar (LA REBELIÓN PINGÜINA, 2007). O descaso do governo levou a mobilização ainda maior dos estudantes que trouxeram à tona os inúmeros problemas das escolas do país. Dessa forma, surgiram pautas como o fim das taxas do exame de seleção para a universidade, a melhoria na merenda e a reforma das instalações das escolas. Com articulação e maturidade, o movimento chegou a questões ainda mais amplas como a reforma educacional e o questionamento do próprio sistema escolar (ZIBAS, 2008; LA REBELIÓN PINGÜINA, 2007). O movimento mobilizou mais de um milhão de estudantes por todo o país (LA REBELIÓN PINGÜINA, 2007).

Em 2010, na Argentina, segundo Iara Enrique (2010), mais de trinta escolas da capital Buenos Aires foram ocupadas pelos secundaristas. O movimento, de acordo com a autora, tinha o objetivo de reivindicar melhores condições de infraestrutura e uma reforma no ensino do país, e ficou conhecido como “*estudiantazo*”. Corti, Corrochano e Silva (2016), afirmam que, nessa ocasião, os estudantes participantes escreveram um “diário de bordo” onde descreviam suas experiências na ocupação. Esse diário, segundo os autores, menciona a forte influência que o movimento teve da Revolta do Pinguins. A partir desses documentos foi criada uma cartilha que auxiliava as outras ocupações em sua organização.

Essa cartilha<sup>3</sup> foi traduzida pelo coletivo *O Mal-educado* e utilizada como referência pelos estudantes da Escola Estadual Diadema para, no dia 09 de setembro do ano de 2015, ocuparem a primeira escola da rede estadual (Campos, Medeiros e Ribeiro, 2016). Conforme documentado no filme de Carlos Pronzato, após 26 dias de ocupação, o governador Geraldo

---

<sup>2</sup> “Assim chamados por seu uniforme ao estilo do início do século passado” (ZIBAS, 2008, p. 199)

<sup>3</sup> Foi publicado na página da internet d’O Mal educado (2015, on-line) a “versão online da cartilha escrita por estudantes do Chile e da Argentina explicando como ocupar uma escola”. Segundo o coletivo, “a experiência desses estudantes é um exemplo para a luta [dos secundaristas de] São Paulo”. Cartilha disponível em: <<https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>> acessado em 19 abr. 2017.

Alkmin suspendeu a proposta de reorganização das escolas do estado. A película mostra que muitos estudantes consideraram esse momento uma conquista, mas não se contentaram com a suspensão. Os secundaristas argumentaram que a demanda era que a proposta de reorganização fosse revogada. Além disso, o entendimento que a escola deve ser construída *para e pelos* estudantes também é percebida, afora a coletividade e o companheirismo experienciado e compartilhado pelos discentes.

Segundo a mesma linha, no resto do país, influenciadas pela luta dos estudantes paulistas, surgem novas ocupações de pautas locais diversas, a exemplo de Goiás, Belo Horizonte e Rio de Janeiro e seus embates contra a terceirização do ensino público, a diminuição de vagas na rede pública e o passe livre estudantil, respectivamente (UBES, 2015).

Dessa forma, ocupar tem sido a única maneira de se promover o diálogo, uma vez que trava o fluxo da burocracia, obrigando as instâncias administrativas das instituições, na urgência de se retomar seus processos, a abrir para negociação. Somente quando o fluxo cotidiano da burocracia é interrompido que as contradições aparecem. As ocupações trouxeram à tona temas como racismo precarização dos terceirizados, medidas de austeridade do governo, etc.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo dar visibilidade a práticas organizacionais que fogem da lógica dominante, da concepção de organização capitalista, racional burocrática, como foram as ocupações estudantis, e que, em um movimento oposto, contestam os seus pressupostos.

## **Referências**

CAMPOS, A. J. M.; MEDEIROS, J. ; RIBEIRO, M. M. . **Escolas de luta**. 1. ed. São Paulo: Veneta, 2016. 336p.

CORTI, Ana Paula de Oliveira; CORROCHANO, Maria Carla; SILVA, José Alves da. “Ocupar e resistir”: a insurreição dos estudantes paulistas. Educ. Soc., Campinas, v. 37, n. 137, p. 1159-1176, out/dez., 2016

\_\_\_\_\_. Estudantes defendem ocupações em reunião com Reitoria: ‘um semestre não vale 20 anos de congelamento’. Sul21. Porto Alegre, 18 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/estudantes-defendem-ocupacoes-em-reuniao-com-reitoria-um-semester-nao-vale-20-anos-de-congelamento/>>.

GOMES, Luíz Eduardo. **Movimento negro da UFRGS ocupa reitoria contra ‘destruição’ de política de cotas.** Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/03/movimento-negro-da-ufrgs-ocupa-reitoria-contradestruicao-de-politica-de-cotas/>>. Acesso em: 20 maio 2018.

ENRIQUE, I.; SCARFÓ, G. **Experiencias y discursos sobre organización política y laboral de las y los jóvenes. Un acercamiento histórico-etnográfico a los procesos de socialización apropiación contemporáneos.** *Revista Observatorio de Juventud*, n. 25, p. 29-40, mar. 2010.

**LA REBELIÓN PINGÜINA.** Direção e Produção de Carlos Pronzato. Santiago do Chile: 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HpqD5B257zo&spfreload=10>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

LEFEVBRE, Henri. *Critique of daily life.* London: Verso, 2014.

O MAL EDUCADO – Luta e organização nas escolas. Quem somos? Disponível em: <<https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

UBES. **#UBESretrospectiva: 2016 foi Ocupar e Resistir!** São Paulo, 22 dez. 2016a. Disponível em: <http://ubes.org.br/2016/ubesretrospectiva-2016-foi-ocupar-e-resistir/>. Acesso em: 20 jan. 2017

UBES. **Retrospectiva: relembre as grandes vitórias da Primavera Secundarista.** São Paulo, 22 dez. 2016b. Disponível em: <http://ubes.org.br/2016/retrospectiva-relembre-as-grandes-vitorias-da-primavera-secundarista/>. Acesso em: 20 jan. 2017

ZIBAS, Dagmar M. L.. **"A Revolta dos Pingüins" e o novo pacto educacional chileno.** *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro , v. 13, n. 38, p. 199-220, Aug. 2008 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782008000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 23 Mar. 2017.